

O Renascimento da Língua Hebraica no *Ulysses* de James Joyce

Pérola Wajnsztein Tápia¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a comparação feita por James Joyce, no seu romance "*Ulysses*", entre o renascimento da língua hebraica e a morte da língua irlandesa, retratada pelas figuras dos personagens Bloom e Stephen.

Palavras chave

Língua hebraica, língua irlandesa

Abstract

The present work intends to demonstrate the comparison-made by James Joyce, in *Ulysses*, between the rebirth of the hebrew language and the death of the irish language, centered on the figures of Bloom and Stephen.

Keywords

Hebrew language, irish language

O romance *Ulysses* de James Joyce, paródia da *Odisséia* de Homero, narra um dia na vida do judeu-irlandês Leopold Bloom pelas ruas da cidade de Dublin, na Irlanda do início do século XX (16/junho/1904). O personagem Bloom recria o mito do "judeu errante", ao caminhar pelas ruas de Dublin.

Escrito em 1922, o romance aborda vários aspectos do judaísmo, como as festas judaicas, a circuncisão, o antissemitismo e o renascimento da língua hebraica que é colocado ao lado do desaparecimento da língua irlandesa.

O inventivo romance apresenta em sua estrutura várias formas literárias. O capítulo *Ítaca*, 17º do romance, escolhido para este trabalho, é considerado estruturalmente simples, na medida em que é composto integralmente por perguntas e respostas, e é definido pela técnica do "catecismo impessoal", ou

¹ Mestranda da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. perola@superig.com.br

seja, um conjunto de instruções sobre diversos assuntos, que assim como na doutrina religiosa, contém regras a serem seguidas na vida de cada um. De acordo com o narrador do texto, nele se delibera, por meio dos personagens Bloom e Stephen, sobre:

Música, literatura, Irlanda, Dublin, Paris, amizade, mulher, prostituição, dieta, a influência da luz-de-gás ou da luz de arco e lâmpadas incandescentes sobre o crescimento das árvores heliotrópicas adjacentes, exibição das latas de lixo municipais, a igreja romana católica, o celibato eclesiástico, a nação irlandesa, a educação jesuíta, carreiras, o estudo da medicina, o dia anterior, a influência maléfica do pré-sabá, o desfalecimento de Stephen.²

Na *Odisséia* de Homero, obra na qual James Joyce se inspirou para construir seu romance parodístico, Odisseu volta a Ítaca, após dez anos de viagens, disfarçado de mendigo para entrar em seu palácio. Encontra primeiramente seu filho Telêmaco, com o qual, ainda sob o disfarce, delibera sobre muitas questões, além de tentar afastar os pretendentes de sua esposa Penélope. Em *Ulysses* de James Joyce, esse episódio é lembrado através do esquecimento das chaves da casa por Leopold Bloom, personagem central do romance, que procura, então, uma maneira de entrar na própria casa. Molly, a “Penélope” de Bloom, está no interior da casa, dormindo. Bloom e Stephen, juntos nessa ação, desempenham o papel de Odisseu e Telêmaco, pai e filho, na *Odisséia* de Homero.

A língua hebraica aparece inicialmente no episódio Éolo (o deus grego dos ventos), que, em Joyce, se passa na redação do *Freeman’s Journal and National Press*. O autor compara a fúria dos ventos descrita na *Odisséia* com o barulho das máquinas da impressão do jornal.

Nesse cenário do jornal, o personagem John F. Taylor, que discursa em favor do restabelecimento da língua irlandesa, compara a situação dos irlandeses à dos judeus. Cita, para isso, Santo Agostinho:

²JOYCE, James. *Ulysses*. Tradução Bernardina da Silveira Pinheiro. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2005. P. 691.

– Por que vocês judeus não querem aceitar nossa cultura, nossa religião e nossa língua? Vocês são uma tribo de pastores nômades: nós somos um povo poderoso. Vocês não tem cidades nem riqueza: nossas cidades são colméias de humanidade e nossas galeras, trirremes e quadrirremes, carregadas de toda sorte de mercadorias sulcam os mares do mundo conhecido. Vocês apenas emergiram de condições primitivas: nós temos uma literatura, um sacerdócio, uma história secular e uma sociedade organizada.

A discussão, nesse capítulo, volta-se para a relação entre a Inglaterra e a Irlanda equiparada à relação entre judeus e egípcios nos tempos de Moisés: “... *Israel é fraco e pequeno o número de seus filhos: o Egito é um exército e terríveis são suas armas.*”³

O discurso do personagem John F. Taylor, um famoso orador, manifesta o sentimento antibritânico dos irlandeses, utilizando para isso uma comparação com a questão judaica, como um Moisés moderno:

– Mas, senhoras e senhores, se o jovem Moisés tivesse escutado e aceitado aquela visão da vida, se ele tivesse curvado sua cabeça e curvado sua vontade e curvado seu espírito diante daquela exortação arrogante ele nunca teria retirado o povo escolhido da casa de sua servidão, nem seguido a coluna de nuvem durante o dia. Ele nunca teria falado entre relâmpagos com o Eterno no monte Sinai nem nunca teria descido com a luz da inspiração brilhando em sua fisionomia e carregando em seus braços as tábuas da lei, gravadas na língua dos fora-da-lei.⁴

A questão do judaísmo e da língua hebraica retorna no episódio Ítaca, no qual o personagem ressalta a importância histórica, para o judaísmo, dos três Moisés: Moisés do Egito; Moisés Mainônides, autor de *Guia dos Perplexos*, e Moisés Mendelssohn, um dos precursores da Haskalá, o movimento iluminista judaico.

Três exploradores da verdade pura, Moisés do Egito, Moisés Maimônides, autor de *More Nebukim* (*Guia dos Perplexos*) e Moisés Mendelssohn de tal

³JOYCE, James. *Ulysses*. p. 160.

⁴*Id.* p. 161.

eminência que de Moisés (do Egito) a Moisés (Mendelssohn) não surgiu ninguém como Moisés (Maimônides).⁵

Em termos do renascimento da língua hebraica, Moisés Mendelssohn e o movimento criado por ele, a *Haskalá*, têm importância fundamental nesse processo. A *Haskalá*, o iluminismo judaico, teve início na Alemanha em meados do século XVIII. Naquele momento, quando os ventos da liberdade sopravam pela Europa e os judeus não precisavam mais viver em guetos e podiam desempenhar qualquer trabalho, Moisés Mendelssohn propôs a secularização da língua hebraica, mantida desde o ano 200 da era comum como língua utilizada apenas para os serviços religiosos.

A proposta de Moisés Mendelssohn era que os judeus da Europa tivessem conhecimento da língua alemã e do hebraico, que deveria substituir o *ídiche*, considerada uma língua sem gramática e que remetia os judeus a uma época de perseguições e sofrimentos. Dessa forma, o hebraico passaria ao nível vernacular.

Essa sugestão não encontrou, inicialmente, apoio nem mesmo no Movimento Sionista de Theodor Herzl, que rejeitava a idéia de que a língua hebraica pudesse ser falada. Em 1895, Herzl escreve: “*Quem de nós sabe bastante hebraico a ponto de valer-se dele para comprar uma passagem de trem?*”⁶

O responsável, de fato, pela reintrodução do hebraico como língua falada pelos judeus em Israel foi Eliezer Ben Yehuda, médico que se mudou para aquele país em 1881. Tornou-se linguista e passou a falar em hebraico dentro de sua própria casa a partir de 1882, bem como a ensinar o idioma em escolas israelenses. Em 1885, publicou o primeiro jornal do país escrito totalmente em hebraico e foi o criador de inúmeras palavras na língua, para sua adaptação à situação vernácula.

⁵*Id.* p. 712.

⁶RABIN, Chaim. Pequena história da língua hebraica. Summus Editorial, 1973

Do ponto de vista do personagem Bloom, há dois povos oprimidos: o irlandês, pela ação dos ingleses, e o judeu, por sua história de exílio.

O personagem menciona ainda outros nomes de judeus que ele denomina “anapócrifos filhos ilustres” descendentes de uma raça escolhida ou rejeitada:

Félix Bardolthy Mendelssohn (compositor), Baruch Espinoza (filósofo), Mendoza (pugilista) e Ferdinand Lassalle (reformador, duelista).

É possível, pelo aspecto da condição de oprimidos, a comparação da língua irlandesa com a hebraica; no dizer de Bloom, “a helenização do irlandês selvagem”, dando lugar definitivo ao inglês, e o renascimento do hebraico, comparados em dois trechos do diálogo entre Bloom e Stephen:

Stephen: suil, suil, suil arun, suil go siocair agus suil go cuin (ande, ande, ande pelo seu caminho, ande com segurança, ande com cuidado).⁷

Bloom: kifeloch, harimon rakatejch m'baad l'zamatejch (tua tēpora por entre os teus cabelos é como uma fatia de romã).⁸

Nesses exemplos, segundo o narrador, a comparação é feita entre a língua extinta e a revitalizada. O contato entre os dois povos é definido pela semelhança das ações contra eles pela posição histórica que os dois povos ocupavam. No caso dos judeus, o banimento de seus costumes por leis penais e decretos sobre a vestimenta; no caso dos irlandeses, pela ausência de possibilidade de autonomia política. Também os judeus não tinham autonomia política e formavam um povo dentro de uma nação.

Prossegue a comparação:

Como uma comparação hieroglífica dos símbolos fônicos de ambas as línguas foi feita como comprovação tangível da comparação oral?

Por justaposição. Na penúltima página em branco de um livro de estilo literário inferior, intitulado “Doçuras do Pecado” (produzido por Bloom e tão manipulado que sua capa fronteira entrou em contato com a superfície da mesa) com um lápis (fornecido por Stephen) Stephen escreveu os

⁷Da balada irlandesa “Vá pelo seu caminho”

⁸Cântico dos cânticos, 6:4

caracteres irlandeses para g, e, d, m, simples e modificados, e Bloom por sua vez escreveu os caracteres hebraicos *ghimel*, *Aleph*, *daleth* e (na falta de m) um substituto *qoph*, explicando seus valores aritméticos e números cardinais e ordinais, *videlicet* 3, 1, 4 e 100.

A próxima questão se refere ao contato dessas línguas com o povo que as falava e a resposta é esta:

A presença de sons guturais, aspirações diacríticas, letras epentéticas e servis em ambas as línguas: sua antiguidade, ambas tendo sido ensinadas na planície de Shinar 242 anos depois do dilúvio no seminário instituído por Fenius Farsaigh, descendente de Noé, progenitor de Israel, e ascendente de Heber e Heremon, progenitores da Irlanda: suas literaturas arqueológicas, genealógicas, hagiográficas, exegéticas, homiléticas, toponomásticas, históricas e religiosas compreendendo as obras de rabinos e culdees, Torá, Talmude (Mischna e Ghemara), Massor, o Pentateuco, o Livro de Dun Cow, o Livro de Ballymote, Garland de Howth, o Livro de Kells: o isolamento de seus ritos sinagógicos e eclesiásticos em guetos (Abadia de Santa Maria) e casa-Deus (Taverna de Adão e Eva); o banimento de seus costumes nacionais por leis penais e decretos sobre a vestimenta judaica: a restauração em Chanah Davi de Sião e a possibilidade de autonomia política irlandesa ou devolução.

Logo após o diálogo com Stephen, Bloom canta as duas primeiras frases do poema *Hatikvah*, de Naftali Herz Imber, de origem polonesa. A música, escrita em 1882, por Samuel Cohen, foi adotada pelo movimento sionista como hino, e se tornou Hino do Estado de Israel, em 1948:

Kol od balevav penimah
Nefesh yehudi homiyah
Enquanto no fundo do coração
Palpitar uma alma judaica

Na sequência do diálogo, a visão do irlandês Stephen ao ouvir o primeiro dístico da canção, que era somente o que o personagem Bloom recordava:

*Ele ouviu numa estranha melodia antiga viril profunda o acúmulo do passado.*⁹

Enquanto o judeu húngaro Bloom viu:

*Ele viu numa vivaz figura jovem viril a predestinação de um futuro.*¹⁰

Logo após esse segmento a narrativa prossegue com Stephen cantando uma antiga canção antissemítica irlandesa “*Harry Huges*”, que conta a história de um menino que está jogando bola e deixa a bola cair na casa de um judeu e, ao ir até lá buscá-la, é morto pela filha do judeu. Bloom se deprime ao ouvir tal canção.

Esse capítulo do *Ulysses* de Joyce, o penúltimo dessa odisséia, momento em que a narrativa tende a ser finalizada, através da maneira como foi estruturado, com perguntas e respostas, desnuda os dois personagens, Bloom e Stephen, estabelecendo as semelhanças e diferenças entre eles.

Ao estabelecer um paralelo a respeito das línguas, fica claro que ambos não conhecem bem nenhuma delas: Bloom não conhece bem o hebraico e Stephen tampouco conhece o suficiente a língua irlandesa, que naquele momento já estava em processo de esquecimento, mas elas servem como pano de fundo da narrativa para estabelecer as diferenças entre os personagens.

Ao mesmo tempo, a comparação das culturas mostra que elas possuem muitos traços comuns como a opressão do povo e a tentativa de ambas para restabelecer um lar: no caso judaico, o sionismo que tentava restabelecer um lar judaico para os judeus perseguidos em toda a Europa e, no caso irlandês, a tentativa de livrar-se da colonização inglesa e estabelecer uma Irlanda livre.

Nas palavras do autor, a definição de seu romance:

É o épico de duas raças (Israel-Irlanda) e, ao mesmo tempo o ciclo do corpo humano, bem como uma pequena história de um dia (a vida) ... É também uma espécie de enciclopédia. Minha intenção não é apenas tornar o mito *sub specie temporis nostri*, mas também permitir que cada aventura

⁹ JOYCE, James. *Ulysses*. P.714

¹⁰ *Id.* P.714

(isto é, a cada hora, cada órgão, cada arte estar interligada e inter-relacionada para compor a soma total) para condicionar e até mesmo para criar a sua própria técnica.¹¹

Referências Bibliográficas

- BURGES, Anthony. *Homem Comum Enfim*. Companhia das Letras. São Paulo, 1994
- CAMINERO, Juventino. *El Ulysses de James Joyce*. Universidad de Deusto Bilbao, 1994.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2005.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Trad. Antonio Houaiss. Civilização Brasileira, 1982.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Penguin Book, 1992.
- RABIN, Chaim. *Pequena História da Língua Hebraica*. Summus Editorial. São Paulo, 1973

¹¹James Joyce em carta a Carlo Linati em 1920. Citado por Richard Ellmann in *Ulysses on the Liffey*. P.187